

ATÉ
QUE A MORTE
NOS
SEPARA

MARCELO VASCONCELO

2024

“

O primeiro relacionamento da história terminou com acusações, prática do que era proibido e expulsão do Jardim do Éden. O que começou errado não podia terminar dando certo.

”

SUMÁRIO

CAPÍTULO I.....7

CAPÍTULO II 28

CAPÍTULO III.....36

 Parte I 36

 Parte II.....46

CAPÍTULO IV.....54

 Parte I 54

 Parte II.....56

CAPÍTULO V 66

CAPÍTULO VI.....83

CAPÍTULO VII.....89

CAPÍTULO VIII 111

CAPÍTULO IX..... 128

CAPÍTULO X..... 139

CAPÍTULO XI..... 147

CAPÍTULO I

Chovia naquela manhã de inverno. Era uma chuvinha fina, daquelas que dura o dia todo sem mudar sua intensidade. Só entende a graciosidade da magia da chuvinha fina quem mora no interior, no campo, como dizem as pessoas da cidade grande. Esse fenômeno da natureza tem o incrível poder de fazer o clima do tempo mudar, mas também fazia o clima do temperamento das pessoas mudar de igual forma. Era como se uma leve e macia plumagem descesse sobre os campos arborizados e sobre as pastagens cheias de vacas e animais pastoris. De alguma forma, todos se alegravam com o clima trazido pela chuvinha de inverno. Fria, cheirosa e fresca. Um homem trabalhava fazendo uma parte da cerca de um sítio, onde um importante bancário passava férias quando vinha da capital. O homem que trabalhava ali era Pedro Mazeno, conhecido por Zeno. Era um sujeito de 38 anos, cabelos castanhos e barba grande, um dos três irmãos de sua família. Mas ele não morava mais com seus pais. Desde que se casou com Lenora Ribeiro, a mais nova de quatro irmãs, há 16 anos, ele passou a ter sua própria família. Na época em que se casaram, Lenora tinha apenas 19 anos, era uma moça alegre e cheia de sonhos, como a maioria das moças. Ambos moravam numa pequena cidade, Morro Azul, no

Sudeste. Era um local muito visitado por turistas no final de ano, por ter várias pousadas, charretes e cachoeira pra relaxar moradores de grandes cidades. Algumas pessoas da capital compravam casas em sítios pra passarem final de ano ou férias, mas precisavam de alguém que pudesse cuidar da propriedade pra eles, e essa pessoa era Zeno. Ele estudou até a conclusão do ensino médio, mas foi exatamente na época em que resolveu se casar com a mulher que lhe tocou no coração. O homem faz muitas coisas imbecis na vida, mas seguramente a maior delas é se casar com a primeira mulher por quem se apaixona. A paixão, ao lado do vício em crack ou em bebida alcoólica, é uma das causas fatais pra derrota moral e existencial, seja do homem, seja da mulher. Talvez seja a pior, dentre todos os vícios, pois nunca se viu em nenhum lugar uma única clínica de recuperação pra apaixonados, ao contrário dos viciados em drogas ou bebida alcoólica. Zeno foi uma dessas vítimas da paixão, mesmo que não podemos desconsiderar o efeito devastador que os hormônios fazem na cabeça de um jovem, principalmente do interior, quando não se tem alguém pra depositar tanta energia. Nestes casos, o homem costuma se amarrar na primeira mulher que o agrada, mesmo que ela não tenha feito nada de especial em relação a qualquer outra, de alguma forma, o cérebro do homem identifica algo de especial na escolhida, algo que nem mesmo ele sabe dizer ao certo o que é. Homens não costumam raciocinar logicamente quando tá excitado por uma mulher, Zeno embarcou numa dessas.

Era um homem tranquilo e bem resolvido com seu destino, nunca reclamava por não ter algo, diferentemente de sua esposa. Naquele dia, mesmo embaixo da leve e duradoura chuva, ele terminava um trabalho que havia sido acertado há duas semanas. Os donos tavam cobrando que ele terminasse logo a cerca porque queriam visitar o sítio no próximo final de semana. Se ele esperasse a chuva passar, talvez não conseguisse fazer a tempo, pois já era quinta-feira e os donos do sítio viriam já no sábado. Ele tava colocando uma tela de um metro de altura em toda cerca da propriedade, isso impediria que os cães saíssem e se perdessem na estradinha

de chão. A lama fazia com que ele parecesse mais um vaqueiro que qualquer outra coisa, embora ele trabalhasse na maior parte do tempo como jardineiro. Ao tentar forçar um arame que pregava num poste, acabou sendo atingido no braço por uma farpa que se soltou, por estar, o arame, muito húmido pela água que caía. A farpa o acertou rasgando sua pele e fazendo seu sangue respingar no gramado verde e encharcado aos seus pés. Temendo que inflamasse e ficasse sem poder trabalhar, resolveu imediatamente ir até a cidade fazer curativo e comprar algum remédio. Zeno não era de fazer cara de dor, nem chorava nem sorria diante das pessoas, também não era de ir a festas ou comemorações, tinha um ar sempre pesado, como se quisesse reclamar de algo que o afligia, mas nada se ouvia de sua boca. Ao olhar seu sangue pingar no chão, fazia uma cara de quem sentia raiva, muita raiva. Mas ele nada dizia. Foi até seu fusca, azul, 1982, que comprou após o nascimento do seu filho, Bento, que tinha cinco anos. Era um carro velho e já cansado, assim como aparentava seu dono que também tinha 38 anos. Mas isso não era motivo pra Zeno reclamar, aquele carro era tudo que possuía de bem material. Morava num sítio que ficava há uns dois quilômetros dali, pagava um valor baixo de aluguel em troca de cuidar da propriedade onde morava, além de pagar o imposto anualmente. O fusca podia até ser velho, tinha o para-lama dianteiro direito na cor preta, mas pegava mais que doença contagiosa. Era só encostar a chave na ignição e ele respondia com seu rosnado de quase um quarentão. Zeno dirige devagar até a saída do sítio e vira à esquerda no sentido da cidade, seu braço sangrava ainda. Dali até o postinho de saúde ele precisava andar por mais cinco quilômetros, sempre com cuidado pra não escapar na lama e descer numa ribanceira. Havia muitas curvinhas fechadas e desfiladeiros ao longo da estradinha. Sempre encontrava alguém que conhecia quando ia à cidade, morava ali desde que era criança. Seu pai já era falecido e sua mãe morava numa casinha humilde herdada do pai dela. Zeno até pensou em passar lá e visitar sua mãe, mas precisava ir ao posto o quanto antes. Quando o fusca se aproximava da entrada da cidade, passava por um bar onde as

peessoas gostavam de se sentar pra conversar e contar histórias. Logo à frente, numa rua íngreme havia uma igreja evangélica que tava sempre aberta com um homem vestido de terno na porta. O carro virou pro lado norte e se dirigiu ao posto de saúde. Parou o fusca na rua, em frente do local, e saiu ainda embaixo de uma garoa fina que não parecia querer parar tão cedo. Antes de entrar na recepção, Aldo, seu irmão mais velho, parou com seu carro e o chamou à atenção:

— Ei! Nonô! Ei!

Zeno olhou pra trás e conheceu a fisionomia do seu irmão, mesmo que mal pudesse vê-lo por entre uma pequena brecha que ele tinha aberto da janela do Kadet branco, por causa da chuva.

— Pra onde *cê* tá indo? — Perguntou Zeno ao irmão que se escondia dos pingos da chuva que passavam pela brecha da janela.

— Não tô te ouvindo! *Cê* tá longe! — Respondia o irmão se protegendo da chuva.

— Ah! *Cê* quer que eu... eu vá aí, na rua, *pr'ocê num* se molhar? É isso?

— Venha aqui logo, Nonô! *Cê* já tá todo molhado que eu tô vendo! Ande logo, sô!

Zeno balançou a cabeça e saiu na chuva pra saber o que o irmão queria, momento em que o outro pôde ver o machucado no seu braço.

— O que foi isso, rapaz? A mulher deu uma surra *nocê*, foi?

— Anda, Aldo, fale logo! Preciso ir fazer um curativo! Oi, Catarina! *Cê* tá linda hoje, hein! Cadê Joaquim, tá de castigo?

— Perguntou olhando a sobrinha que tava junto com o irmão.

— Já tá sabendo?

— Sabendo do quê?

— Tá passando na TV o dia todo. Dizem que tem um vírus que tá acabando com o mundo! Tá matando os *idoso* tudo!

— Por mim, pode acabar tudo! Eu *num* tô nem aí!

— Deixe de falar besteira, rapaz! Esse *trem* é sério! Vai assustar a menina — repreendeu a opinião do outro e continuou — eu tô indo lá, na casa de mãe! Vou falar pra ela

num sair de casa. Dizem que esse vírus desgraçado já tá aqui no Brasil.

— Tá bom! Eu vou sair dessa chuva senão vou morrer de gripe antes de pegar esse... esse tal vírus aí!

— Esse *trem* é sério, Nonô! Se por acaso *cê* ligar pra Nido, Naná ou Leda, avise a eles também.

— *Uai!* Se tá passando na TV um *trem* que tá acabando com o mundo, eles já *deve* tá sabendo, né não?

— Talvez, mas que irmão *cê* é se *num* avisar eles, *sô*?

— Tô brincando! Pode deixar que aviso! Mas vou fazer um curativo senão *num* consigo trabalhar. Deixe eu sair dessa chuva, Aldo, depois *nós conversa!*

Zeno saiu se encolhendo devido ao frio que já fazia também e entrou na recepção do posto onde encontrou o delegado, Dalton Santos, sentado e tomando um café que alguém arranhou sabe-se lá de onde, pois ninguém via nenhuma garrafa de café por ali. Tinha outro policial, Jorge, junto saboreando outro copo de café cujo ar de riso o incomodava.

Zeno tava todo molhado e desejou intimamente tomar um gole quente também, mas certamente ele não era ninguém que pudesse merecer tal agrado numa repartição pública. Não era proprietário de nada, tampouco filho ou parente de quem era. Em cidades pequenas, a pessoa vale o que tem ou pela família que tem, o pobre infeliz não cumpria nenhum nem outro requisito. Contentou-se com o normal desprezo de sua presença. Uma senhora de rosto magro e fumando continuava olhando pra tela do computador e não lhe dava atenção alguma, pois dizia-se que ela era parente do prefeito e não precisava temer a perda do seu posto de trabalho, coisa esta que não ocorria com quem não era de linhagem tão nobre.

— Bom dia, Mazeno, é seu irmão que trabalha com elétrica residencial, né? — Indagou o delegado chacoalhando seu bigode enquanto falava. Era um homem que tinha quarenta e um anos, mas parecia mais jovem que a própria idade. Talvez porque não precisou trabalhar em serviço pesado durante sua vida ou acordar cedo e dormir tarde. Era um sujeito de pouca preocupação, principalmente porque era filho de pais ricos da capital. Foi morar em Morro Azul há dezessete anos quando tomou posse como delegado, há três

morava com uma jovem loira, filha de um grande comerciante da cidade, formada em biologia. Todos se conheciam por ali, uns mais, outros menos, mas todos sabiam quem era da cidade e quem não era. Ao ouvir a pergunta, Zeno se virou pra trás com seu semblante sério, sua barba grande fazia sua cara parecer mais ríspida ainda.

— Bom dia, doutor! Meu irmão, Aldo, trabalha com elétrica — respondeu meio receoso, como se devesse algo e não quisesse mostrar. Mas, não devia.

— Eu preciso de um serviço lá na delegacia. Cê consegue falar com ele? Preciso pra hoje — esclareceu notando o braço do homem ferido.

— *Cabei* de falar com ele — disse olhando na direção da porta — ele tava aí, na frente, agorinha há pouco! Se soubesse antes...

— Que aconteceu com seu braço? — Perguntou de forma fulminante dando mais um gole no café quente. Zeno fica meio receoso, mas não queria deixar parecer por que se sentia assim.

— Eu... eu me machuquei consertando uma cerca... no sítio de João Bosco, gerente do banco. O senhor deve conhecer ele.

— Não foi a mulher não, né, rapaz? — Perguntou o outro policial dando uma boa gargalhada. Zeno encarou o policial por alguns segundos, o bastante pra transmitir desconforto pela brincadeira feita pela segunda vez naquele dia sobre a relação com sua mulher. Antes que dissesse mais alguma coisa, a funcionária de rosto magro, fumante, interrompe a conversa com uma observação assustadora:

— Meu Deus do céu! Esse negócio já tá matando gente aqui no Brasil!

— Quem tá matando gente assim, Zuleica? — Quis saber o delegado se levantando de onde tava sentado.

— Cê não viu ainda? Tá dando em todos os jornais que tem um vírus que veio da China — esclareceu de olhos arregalados — o governo já interrompeu viagens pra lá e tudo! Minha *noss'inhora*! Logo, logo vai tá por aqui, na nossa cidade!

— Besteira! Isso é só pra vender notícia — desacreditou o outro policial se dirigindo ao corredor por onde vinha um homem algemado e sendo ajudado por uma enfermeira.

— Toda hora esses jornais inventam alguma coisa pra fazer o povo ligar a televisão e ficar assistindo eles — completou o delegado percebendo que o homem algemado se aproximava. Depois voltou os olhos pra Zeno, demonstrando um certo ar de riso.

— *Num* é brincadeira, delegado! Tá em todos os jornais! Tô vendo aqui na internet que já tem gente contaminada aqui no Brasil! Minha santa Rita! — Se alarmou a mulher fumante.

— Já que é assim, vou levar esse paciente pra ficar guardado e bem longe desse *trem* aí — brincou Dalton Santos falando do homem que tinha sido levado pra tomar uma vacina. A mulher de rosto fino que tragava sem parar, olhou o homem algemado e brincou:

— Seu Tito, vê se *num* bate mais na mulher quando tiver bêbado, viu? Olha a situação do senhor, homem!

O preso era um senhor de aproximadamente cinquenta anos, barba rala, branca, e corpo avantajado. Todos o conheciam por ele ter muitas brigas com a mulher. Uma vez ou outra o delegado o deixava preso por alguns dias, apenas pra fazer com que ele pensasse nos seus atos. Era um tipo de repressão moral ao invés de processual. Quando ouviu a mulher falar com ele, logo respondeu de maneira grossa, como lhe era comum:

— Eu *num* bati naquela vagabunda! Cê viu, sô? Cê viu? Ela me bateu quando eu tava bêbado, eu só revidei!

— Tá bom, Seu Tito! *Num* vai xingar Zuleica também. Cê já tá bem encrocado. *Vamo*! — Interrompeu o policial.

— Eu *num* xinguei ninguém! Aquela desgraçada me bateu na cara e cês *num* prende ela! *Mais* eu cês *prende*, né? Homem *num* tem direito nessa merda de país mais!

— Tá bom, tá bom! — Disse o delegado colocando o chapéu marrom sobre a cabeça — brigado pelo café, Zuleica! *Vamo* levar nosso paciente pra ficar mais alguns dias bem protegido desse tal vírus e... principalmente da mulher dele!

— Éh! Mulher sabe dar o troco em homem que *num* dá valor a ela — comentou olhando de canto pra Zeno que notou a indireta.

A atendente e a enfermeira riram, contudo, pareciam preocupadas com a notícia sobre o vírus, pois a risada era meio forçada pela presença do delegado, se esforçando pra

serem simpáticas falsamente. Antes de sair, Dalton Santos para próximo de Zeno que ainda tava sério e, sem qualquer mudança na sua fisionomia, fala:

— Avise a seu irmão que me procure na delegacia, ainda hoje se possível.

— O senhor quer o número dele? — Sugeriu Zeno encostado no balcão sem olhá-lo diretamente.

— Não. Tô sem meu celular aqui! — Respondeu num tom amistoso e completou — espero que sua mulher não esteja pior que você, hein! Se isso foi uma briga, claro!

— Isso aqui foi no meu trabalho, doutor! Não sou de historinha afiada não! *Num* perco meu tempo brigando com quem *num* presta, não! Dou nem valor a gente como ela! Só dou valor a meu filho e minha família!

— Tá certo! — Concordou ao perceber que o outro se irritou — pegue meu cartão, tem meu número aí, caso cê veja ele. E... tá tudo certo entre nós ou não?

— Por que num *taria*, doutor? Já disse que *num* me preocupo com o que *num* vale nada! — Dalton franziu a testa mudando a fisionomia após ouvir o comentário.

— Tá falando isso comigo, Mazeno? — Interrogou se aproximando.

— Tô falando com quem *num* vale nada! Cê se acha que *num* vale nada? — Retorquiu em tom de desafio.

O delegado o olhou bem durante alguns segundos, encarando-o de perto, como se dissesse algo ocultamente. Depois, sem nada mais a acrescentar, entrou na viatura, declarou:

— Acho que aqui, a pessoa que mais vale alguma coisa sou eu. Cuidado com o que fala, sô! Se eu achasse que tava falando comigo, aí sim, a gente ia ter problema. Aguardo seu irmão me ligar.

Após isso, o delegado saiu na viatura embaixo do sereno fino e incessante que não parava de cair. Zeno ficou encabulado com os comentários do delegado sobre seu machucado, além do descaso diante de sua presença na recepção sem qualquer atendimento ainda. A recepcionista conversava com a enfermeira sobre o tal vírus e não o chamava pra atendê-lo. Ele ficou parado olhando pra mulher, esperando ser chamado por algum tempo, mas parecia que

ele não tava ali. Eis um problema que há em muitos funcionários públicos que trabalham no mesmo ofício por muitos anos, começam a se comportar com tal displicência que dá impressão de que tão fazendo um favor e não um dever de ofício. Era assim que Zuleica se comportava, afinal, do que adiantaria ser parente do prefeito de Morro Azul se não pudesse trabalhar tão à vontade? As duas conversavam como se não houvesse ninguém mais, além delas na recepção. Aquilo lhe gerou um sentimento de revolta que o revirou o estômago, chegou a morder os dentes quando bateu a mão sobre o balcão e pegou seu RG que tinha tirado pro atendimento. Se virou tomado pela indignação e saiu sem dizer qualquer palavra. Parecia que todos da cidade zombavam dele por causa de sua mulher. Não tinha nada por ali que não fosse de conhecimento de todos. Desde as brigas domésticas do velho Tito até sua situação com sua mulher. Isso porque por algumas vezes ele foi à delegacia fazer boletim de ocorrência por conta de ameaças e até agressões de Lenora contra ele. Os homens diziam que a palavra da mulher já era uma sentença contra eles, se precaver era a única forma de tentar, ao menos, se livrar de algum problema com a justiça no futuro. Zeno já acumulava vários *B.O's* contra a esposa nos últimos 16 anos em que viviam juntos. Contudo, não era só por isso que zombavam dele quando o viram machucado. No passado, Lenora havia tido um relacionamento com Dalton Santos, assim que ele chegou na cidade como delegado. Ficaram juntos por um ano, até que ela foi rejeitada por causa de outras garotas. Anos depois, já casada, ela se separou de Zeno por alguns meses, tempo em que voltou a ter um caso com o delegado. Mesmo depois de ter o filho, há uns três anos, após mais uma briga, ela foi embora novamente pra casa dos pais. A conversa que corria na pequena cidade de Morro Azul era que ela tinha sido vista várias vezes saindo da delegacia à noite. As idas e vindas entre Zeno e Lenora eram de conhecimento geral, assim como qualquer coisa que acontecia na cidade. Os irmãos dele aconselhavam pra que a deixasse de uma vez, pois eles se incomodavam com os comentários que corriam nas calçadas e botecos. Zeno não falava nada nessas horas, já tinha tentado de tudo pra se desvencilhar da mulher, mas não sabia como tudo voltava

novamente, como num ciclo vicioso, uma espécie de eterno retorno do mesmo. Após o nascimento do seu filho Bento, a coisa parecia não ter volta mais, o amor que tinha pelo filho o fazia suportar calado a amargura daquela vida. Não bastasse essa vida, ele ainda foi ignorado pelas mulheres no postinho de saúde naquele dia chuvoso. Antes de entrar no fusca, olhou rapidamente pra trás, era como se sentisse que todos zombavam dele ainda. As duas tavam rindo e falando alguma coisa que lhe parecia ofensivo pela maneira que falavam e riam. Colocou a chave na ignição e o motor do velho Volkswagen deu sinal de impaciência também. Engatou a primeira marcha e acelerou forte fazendo uma fumaça preta sair pelo escapamento.

A chuva ainda caía com a mesma intensidade que no começo do dia. Ele lembrou que tinha um anti-inflamatório em sua casa, talvez ainda tivesse lá em algum lugar. Acelerou seu fusca e contornou as ruas no mesmo sentido que veio. Ao se dirigir até a saída no sentido do povoado em que morava, passou em frente à igreja evangélica onde algumas pessoas oravam e cantavam hinos, do outro lado, o bar, também com suas músicas, acolhia os que o procuravam. Alguém que bebia numa mesa acenou pra ele, mas Zeno não quis saber quem seria. Pensou que fosse mais um tirando sarro dele, fosse quem fosse, não teria sua atenção. Quem tava num bar naquele dia da semana e àquelas horas da tarde bebendo, certamente seria um dos muitos vagabundos ociosos de Morro Azul. Eis uma ciência interessante dos vadios, têm a incrível capacidade de constranger quem tem responsabilidades. Parecem sempre dispostos e nunca lhes falta dinheiro pra beber, como se tivessem num eterno final de semana.

O ferimento não sangrava mais, contudo, tava dolorido e podia inflamar. A lama na estradinha exigia que dirigisse com cuidado e ele não tava com paciência naquele dia. Acelerava forte o fusca 82, espalhando lama e água pros lados quando passava sobre as poças. Era por volta das três horas da tarde, embora parecesse mais cedo. Àquela hora, sua esposa deveria tá se preparando pra pegar seu filho, Bento, vindo da escolinha que ficava perto de onde ele morava. Zeno sabia que quando chovia a mulher ficava muito irritada, como sempre, porque tinha que andar de onde a Van escolar parava